



ARTIGO ORIGINAL

Sexualidade e novas tecnologias

Ana Sfoggia^a
Clarice Kowacs^b

^a Psiquiatra. Mestre em Ciências Médicas: Pediatria, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Centro de Estudos de Psiquiatria Integrada (CENESPI), Porto Alegre, RS, Brasil.

^b Psiquiatra. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Centro de Estudos Luís Guedes (CELG), Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo

Nesta época de intenso engajamento com as emergentes tecnologias da comunicação, a socialização e a sexualidade vêm sendo redesenhadas. A proposta deste artigo é percorrer criticamente as motivações para a socialização via internet e para o estabelecimento de relacionamentos sexuais virtuais. Outras questões desenvolvidas compreendem as novas noções de intimidade e privacidade e como o borramento do que ocorre *on-line* e *off-line* pode afetar o desenvolvimento da sexualidade de crianças e jovens, chamados de nativos ou residentes digitais. São apresentados termos e conceitos criados nesta era de expansão da comunicação virtual, assim como novas tecnologias desenvolvidas com o intuito de favorecer o contato sexual via meios eletrônicos e redes sociais *on-line*. Analisam-se as oportunidades de contatos sociais e sexuais na rede, bem como os riscos de exposição, vitimização e violência sexuais, adição e comportamentos sexuais compulsivos usando os meios digitais. Em termos de potenciais positivos, consideram-se a acessibilidade das novas tecnologias, o anonimato favorecendo indivíduos estigmatizados

por sua identidade ou comportamento, a possibilidade de iniciação à experimentação sexual para pessoas com dificuldades de comunicação e a queda de barreiras geográficas. Por fim, procura-se contextualizar o assunto com ênfase na necessidade de contínua discussão e pesquisa sobre o tema.

Palavras-chave: Sexualidade; Tecnologias; Redes sociais; Internet; Comportamento sexual.

Abstract

In this time of intense engagement with emerging communication technologies, socialization and sexuality are being redesigned. The proposal of this article is to critically travel the motivations to socialize via the Internet and for establishing virtual sexual relationships. Other issues developed comprise the new notions of intimacy and privacy that are being redesigned and how the erasing of what happens *on-line* and *off-line* can affect the sexual development of children and youngsters called natives or digital residents. Terms and concepts, created in this era of expansion of virtual communication, as well as new technologies, developed with the aim of favoring sexual contact through electronic means and *on-line* social networks. It examines the opportunities for social and sexual contacts in the network, as well as the risks of exposure, victimization and sexual violence, addiction and compulsive sexual behaviors using digital media. In terms of positive potentials, we consider the accessibility of new technologies, anonymity favoring individuals stigmatized by their identity or behavior, the possibility of initiation to sexual experimentation for people with communication difficulties and the decline of geographical barriers. Finally, it seeks to contextualize the subject with emphasis on the need for continued discussion and research on the topic.

Keywords: Sexuality; Technologies; Social networking; Internet; Sexual behavior.

Introdução

As emergentes tecnologias da comunicação, chamadas de novas tecnologias, compõem uma realidade que vem afetando a socialização e a construção do *self* social alterando o desenvolvimento e a cultura sexuais.

A ideia de intimidade vem sendo modificada, conduzindo a comportamentos sociais e sexuais solitários que parecem estar a serviço de necessidades narcisistas. Esse manejo onipotente das ideias não necessita da ajuda do outro, favorecendo uma pseudoautonomia. Por outro lado, as novas tecnologias podem encurtar distâncias e favorecer o contato e o desenvolvimento da intimidade entre parceiros distantes, facilitado pela acessibilidade e anonimato.

A questão a ser pensada e desenvolvida é como o uso das novas tecnologias atinge nossa sexualidade e como essa nova forma de viver sexualmente será conduzida. Estará propiciando a intimidade entre

parceiros separados por longas distâncias ou criando mundos insulares para a satisfação de prazeres individuais? O anonimato favorece jovens com identidades não tradicionais a encontrar maneiras menos hostis de explorar a própria sexualidade? A prática de relacionamentos sexuais virtuais se configura como adaptativa às circunstâncias individuais, ou carrega consigo uma tendência à adição ou perversão?

Outra questão, advinda do uso das novas tecnologias da comunicação, é seu uso indiscriminado entre crianças e adolescentes em pleno desenvolvimento e os riscos de exposição à pornografia, ao *cyberbullying*, a ambientes hostis e agressivos dentro e fora da rede, além da violência sexual.

Florence Guignard¹ discute, em um de seus ensaios sobre o desenvolvimento psíquico no mundo virtual, a atual falta de uma dimensão essencial às civilizações: o período de latência no tempo e no espaço entre a formulação do desejo e sua satisfação. Freud², em seus estudos sobre o período da latência da infância, definiu-o como um *gap* entre as duas fases do desenvolvimento da sexualidade, no qual desenvolvem-se os instintos epistêmicos e a construção de um ideal de superego via aceitação das diferenças entre os sexos e as gerações. Essas diferenças garantiriam a futura supremacia do princípio da realidade sobre o princípio do prazer. Segundo Papalia e Olds³, a latência deve ser um período calmo, caracterizado pela socialização e desenvolvimento de habilidades e aprendizado sobre si mesmo e sobre a sociedade. Guignard aponta, ainda, a erosão da latência implicando uma excitação e hiperestimulação em crianças entre 6 e 12 anos, que deveria ser característica de um período anterior – o do complexo de Édipo, em crianças de 3 a 5 anos de idade. Na era da velocidade e dos avanços tecnológicos, parece não haver oportunidade para um período de resfriamento dos impulsos sexuais, necessário para a construção da capacidade de simbolização e de sublimação. Nesse contexto, percebe-se uma erotização precoce advinda do borramento da latência e da exposição massiva a todo tipo de imagem e informação, sem tempo para um adequado amadurecimento emocional e intelectual.

As novas tecnologias em foco

A rede mundial de computadores, internet, surgiu no final da década de 70 para fins de comunicação militar. Em 1990 o engenheiro inglês Tim Berners-Lee desenvolveu a *World Wide Web*, possibilitando a utilização de uma interface gráfica acessível à população em geral. Essa primeira geração da internet oferecia conteúdo com pouca ou nenhuma interação do internauta, e foi chamada de *Web 1.0*⁴. No início dos anos 2000, uma nova forma de comunicação surgiu baseada na interação *on-line*. Referida como *Web 2.0*, apresentava-se como uma plataforma digital baseada em relacionamento, participação e conectividade. Nesse ponto a *Web* tornou-se fundamentalmente social⁵. Segundo O'Reilly, citado por Fuchs⁶, a *web* não é mais uma coleção de informações que descreve algo sobre o mundo, mas é o próprio mundo. Novos debates tratam, inclusive, do surgimento de um novo tipo de cidadania, a cibercidadania^{7,8}.

Esse é o cenário contemporâneo em que nasceram os adolescentes e adultos jovens de hoje e que oferece extraordinárias oportunidades, mas também riscos⁹.

Como novas tecnologias ou tecnologias emergentes da comunicação entendem-se as redes sociais, como o Facebook, aplicativos, como o Tinder, os blogs e microblogs, como o Twitter, os jogos e mundos virtuais, como o Second Life, os sites de compartilhamento de conteúdos, como o YouTube, os softwares para comunicação por voz e imagem, como o Skype, e os dispositivos que disponibilizam conexão móvel e continua à internet, como os *smartphones* e *tablets*.

A acessibilidade das novas tecnologias, o contexto social e a sexualidade

Somos testemunhas de uma mudança nas formas de conexão interpessoal. Estamos conectados 24 horas por dia. Não existem mais fronteiras entre os contatos que fazemos uns com os outros no trabalho ou na escola e em casa, entre o público e o privado. Quando se conversa através de um telefone celular na rua, o privado torna-se público. O chegar em casa não significa mais “desligar”; segue-se enviando fotos, mensagens, e-mails e interagindo nas redes sociais – o que configura um eterno “estar ligado”. Em todo o planeta, enquanto comem, socializam ou trabalham, casais e famílias mantêm conexões eletrônicas com outros indivíduos em diversos contextos.

Em estudos recentes do International Telecommunication Union¹⁰, em termos globais os usuários da internet tiveram um crescimento insólito para um meio de comunicação. Esse crescimento, no Brasil, foi mais que o dobro da média global. Os nativos digitais já somam 363 milhões, correspondendo a mais de 5% da população mundial e estima-se que em 5 anos essa porcentagem dobrará nos países em desenvolvimento. No final de 2012, 88% da população brasileira já estava coberta por tecnologia 3G, sendo o Brasil o quinto país mais conectado do mundo, com 105 milhões de internautas.

Os dispositivos que propiciam esse “estado de conexão” são relativamente baratos e facilmente acessíveis à população, provocando modificações importantes nos aspectos sociais da vida de jovens e adultos.

O emergente engajamento com as tecnologias usadas na comunicação parece ter um espaço fundamental nas vidas sociais dos jovens, tornando-se, portanto, uma ferramenta para a formação da identidade adulta. Segundo Vogt e Knapman¹¹, existem cinco motivadores-chave que levam os indivíduos a se envolverem nas redes sociais. São eles: a necessidade de reconhecimento, de sentir-se criativo, a necessidade de pertencer, de fazer novas descobertas, explorar ou ter novas experiências, e finalmente a necessidade de sexo. Por essas razões, extremamente pessoais e privadas, a cultura jovem abraçou as redes sociais *on-line* e hoje publica e compartilha tantas informações pessoais¹².

A revolução tecnológica da comunicação propiciou o aparecimento de um espaço virtual de interação social com normas e regras próprias, e é nesse espaço que as crianças e adolescentes têm desenvolvido suas identidades. No entanto, esse ciberespaço, principalmente no uso das redes sociais, leva a uma falsa sensação de conexão e de intimidade entre as pessoas. Um senso de confiança surge a partir de um convite e da aceitação de amizade nas redes. A partir daí podem desenvolver-se relacionamentos de cunho sexual. Segundo Lemma¹³, “enquanto a comunicação entre adolescentes dá-se através de textos e e-mails, podemos superficialmente ter a impressão de proximidade e intimidade entre eles. Nos jovens para os quais o corpo é sentido como aterrorizante, esta intimidade virtual pode, paradoxalmente, aliená-los para mais longe ainda da realidade de ‘pertencer a um corpo’. Isso pode criar uma maior dificuldade na integração do corpo sensual e sexual a uma autorrepresentação estável e por consequência nos relacionamentos significativos com os outros”.

Nesse ponto, revisitam-se os conceitos de intimidade e privacidade. Segundo Ross¹⁴, a internet tanto permite contato eletrônico íntimo através da distância como permite discussões íntimas desobrigadas das convenções sociais presentes no contato face a face. Os atributos físicos e emocionais – talvez últimos resquícios da interação sexual para fins reprodutivos – com o advento da internet parecem ter adquirido nova dimensão quando o parceiro teclando do outro lado pode ou não assemelhar-se à sua forma física e emocional real. Aqui, o símbolo pode suplantar a realidade, quando pode-se decidir o que se quer mostrar e o que não será revelado. Ultrapassa-se e liberta-se o corpo da feiura e da beleza, já que pode-se ser o que quiser, digitar e apagar o que quiser. Quando um anônimo interage com as fantasias de outro e reage a elas, isso as torna mais reais. A resposta a essa externalização da fantasia pode ser extremamente erótica, já que a mente é um dos mais significativos órgãos eróticos.

Bauman¹⁵ desenvolve a ideia da atração por estabelecer contatos virtuais em detrimento dos face a face pela facilidade com que são estabelecidos e descartados, sem muitos riscos. Nesse ponto, pode-se traçar um paralelo com o sexo virtual, que possibilita o prazer sem envolvimento emocional e com baixo risco de rejeição. Quanto à privacidade, para os mais jovens, o fenômeno da confiança por identificação com seus pares leva-os a compartilharem informações pessoais. Já que todos os amigos usam determinado site ou rede social, ele torna-se instantaneamente confiável para todo um grupo de pessoas. Em particular para as crianças e adolescentes parece não haver diferença entre os mundos *on-line* e *off-line*. Há uma sensação de borramento entre esses mundos e uma dificuldade na compreensão de que o que for comunicado no mundo virtual certamente terá consequências no mundo real.

Além da crescente nebulosidade nas percepções, a socialização e a iniciação sexual no espaço virtual criam diferentes experiências para jovens meninas e meninos. Esse ambiente virtual parece reforçar a dinâmica na qual jovens mulheres sentem-se pressionadas a corresponder às expectativas em relação às solicitações de cunho sexual vindas dos meninos e homens com quem se relacionam nas redes sociais. Apesar disso, as mulheres particularmente jovens, entre 18 e 29 anos, tendem a ser o grupo que mais utiliza essas redes¹⁶.

Os riscos e as oportunidades on-line da experimentação sexual de jovens e adultos

O acesso imediato a material com apelo sexual, como fotos, vídeos, textos e mensagens, disponibilizados consensualmente ou não por seus pares, parece estar influenciando a forma como adolescentes e adultos jovens interagem sexualmente. O senso de anonimato e distância promovido pela *web* aumenta a permissividade e corrobora o modo de agir, muitas vezes de forma individualística e arriscada, dessas faixas etárias.

Na sequência das ondas tecnológicas, nosso vocabulário incorpora novos termos e palavras: *upload*, *delete*, *cyberbullying*, *sexting*, *selfie*. *Selfie* é um neologismo advindo da palavra *self-portrait*, que refere-se a uma fotografia tirada pela própria pessoa que aparece na foto e compartilhada em alguma rede social. Segundo o artista Gillian Wearing¹⁷, “a palavra *selfie* é brilhante. Ela encapsula o tempo: instantânea, rápida e engraçada. Isso soa irônico e dispensável”. Apontada pelos editores do dicionário Oxford¹⁸ como “a palavra do ano” depois de um aumento de 17.000% em seu uso, o *selfie* não seria a mais atual expressão do narcisismo? A esse respeito, o *selfie*, como tantas outras coisas no mundo digital, parece ser algo sobre “o eu”, mas, a partir da necessidade de compartilhamento com os outros, bem poderia ser o contrário: uma desesperada busca do “nós”.

Já o termo *sexting* refere-se à contração das palavras *sex* e *texting*, e aplica-se à divulgação – envio ou recebimento – de conteúdos eróticos, sensuais e sexuais, inicialmente através de mensagens de texto via celulares e que, com o avanço tecnológico, se expandiu para fotos e vídeos¹⁹. Esse material em geral é obtido ou gerado e publicado nas redes sociais pelo próprio indivíduo exposto, podendo causar danos e levar à vitimização e coerção.

Em contraste com as conhecidas e amplamente discutidas práticas de violência e abuso de adultos contra crianças, com a interação via internet como facilitadora, a mesma prática entre pares tem chamado a atenção da comunidade científica, da sociedade e da mídia. O risco da vitimização sexual vem de amigos, colegas, amigos de amigos e, conseqüentemente, de toda a rede. Casos de danos à “reputação digital” de adolescentes, envolvendo preferencialmente meninas e jovens mulheres, têm vindo à tona, muitas vezes com desfechos dramáticos. O uso das novas tecnologias para perpetrar violência sexual inicia com a criação de ambientes sociais hostis e danosos, como no caso da divulgação não consensual de fotos e vídeos de cunho sensual ou sexual na rede. Recentemente, ganhou a atenção da sociedade o vazamento na *web*, a partir da invasão de um computador pessoal, de fotos em poses sensuais de uma atriz brasileira – o que teria acelerado a aprovação da Lei 12.737²⁰, que dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos. Também o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/90²¹, por meio do artigo 241, tenta coibir a divulgação de imagens via internet de crianças e adolescentes em cenas com apelo sexual.

Paralelamente ao aumento da incidência de casos de exposição com conseqüente dano emocional, podendo levar a suicídios e homicídios, nota-se uma dificuldade dos jovens em distinguir o que é atividade

consensual e o que é atividade coercitiva, com a alegação de que quem se expõe na rede está ciente de estar assumindo riscos. Muitos percebem o *sexting* como atividade consensual e parte das interações sociais contemporâneas. No entanto, parece que o significado de consensual vem se dissolvendo quando os atos ocorrem em ambientes virtuais.

Por outro lado, talvez incorporando-se à noção de espectro de comportamentos na idade da busca de informações sobre a própria sexualidade e a sexualidade de seus pares, possa-se expandir o conceito de dano para uma esfera além – a de uma forma de explorar a identidade sexual, anônima, mais acessível ou menos intimidadora.

Ao pesquisar 1.017 homens homossexuais nos EUA, Ross et al.²², em um estudo sobre comportamentos de risco relacionados a sexo *on-line*, encontraram 48,4% da amostra preferindo encontros reais a virtuais, 31,6% preferindo relacionamentos na internet e 20% com sua preferência dependente da natureza e das intenções do relacionamento procurado. Os 31,6% que preferem relacionamentos virtuais apontam como fatores decisivos: a facilidade do uso da rede, as vantagens para os mais tímidos, o anonimato, a segurança, a excitação e a oportunidade de experimentar um novo tipo de interação, a possibilidade de evitar contato interpessoal e uma sensação de maior controle visual e do ambiente.

Nesse contexto, desenvolveram-se mais dois novos termos nos domínios da sexualidade: o cibersexo e a cibersexualidade. Noonan²³ entende o cibersexo como mensagens explícitas ou eroticamente sugestivas ou fantasias sexuais trocadas via internet, podendo a masturbação fazer parte do processo. Já a cibersexualidade amplifica-se como termo na medida em que define-se como “um espaço sexual no meio do caminho entre a fantasia e a ação”.

No cibersexo, o indivíduo expande os limites da fantasia quando pode abster-se de apenas pensar em sexo para interagir sexualmente com outra pessoa *on-line*, sem, no entanto, realmente fazê-lo. Ross¹⁴ cita o exemplo de um filme em que a esposa acusa o marido de traição pela internet ao surpreendê-lo praticando sexo virtual, ao que o marido responde: “mas eu estava somente teclando...”.

Nesse ponto cabem alguns questionamentos: será o cibersexo apenas uma nova forma de expressão sexual? Ou ele pode levar à alienação e à despersonalização quando ultrapassa a função de espaço entre fantasia e ação e torna-se a única forma de experimentação sexual possível para determinados indivíduos? Quais os limites entre cibersexo e adição ao sexo virtual?

No Japão as taxas de natalidade têm caído drasticamente nos últimos anos, e um dos fenômenos apontados como responsáveis por isso refere-se aos jovens do sexo masculino chamados “otaku”. Os “otaku” mostram-se mais interessados em computadores e histórias em quadrinhos do que em sexo. Esses jovens também são chamados de “herbívoros” e preferem namoradas virtuais, que podem ser personagens criadas em jogos *on-line* ou mulheres praticantes de cibersexo²⁴.

As atividades relacionadas ao cibersexo são percebidas diferentemente entre seus usuários e variam entre a prática do sexo virtual como substituto do sexo real, como uma forma diferente ou complementar ao sexo real ou como uma atividade autoerótica ou masturbatória.

Seus praticantes defendem o acesso mais fácil, sua falta de comprometimento com o relacionamento, sensações de relaxamento advindas de uma maior segurança e anonimato, sua possibilidade de maior controle e imposição de limites pela interrupção do contato ao alcance de um clique e uma menor importância dada aos atributos físicos, a menos que se faça uso de câmeras de vídeo²⁵.

Diversos estudos mostram que o consumo de cibersexo pode tornar-se patológico ao longo do espectro, que vai do simples “brincar de sexo” aos comportamentos aditivos e compulsivos.

Parece existir uma fronteira tênue entre a prática do cibersexo, acesso e divulgação de pornografia e adição ao sexo virtual. Alguns estudos mostram a existência de indivíduos que fazem uso recreacional do sexo virtual, dos que estão sob risco de compulsão e dos compulsivos; esses últimos com prejuízos sociais, acadêmicos e ocupacionais^{26,27}.

Um outro método de exploração da sexualidade são os aplicativos para *smartphones* equipados com geolocalizadores que proporcionam encontros *on-line* baseados na distância e algumas características em comum entre os potenciais parceiros sexuais que usam informações compartilhadas nas redes sociais. Um exemplo é o Tinder. Essa tecnologia emergente facilita o encontro de parceiros rapidamente e com mínimo esforço, proporcionando a imediata satisfação do prazer, para pessoas dispostas ou não a cruzar a fronteira digital. O funcionamento do dispositivo inicia com a análise de uma fotografia de um usuário, com dados como idade (limitada a 50 anos) e alguns interesses em comum baseados em informações publicamente compartilhadas via Facebook. Se houver interesse, dá-se um comando e, se não, outro comando é acionado. Baseado na quantidade de comandos positivos disparados, o aplicativo faz a “união” dos parceiros, que, a partir daí, ficam livres para se comunicar. Seria o que se passou a chamar de “*love to go*”. Importante ressaltar que, ao criar uma conta nesse tipo de aplicativo e acessá-lo, ocasionalmente, a localização do usuário fica visível a todos os assinantes. Para muitos, a possibilidade de “*love and sex to go*” ao alcance de um clique traz riscos associados, como em qualquer encontro não virtual. Novos aplicativos estão prontos para entrar no mercado, oferecendo à sociedade maior abertura quanto aos desejos sexuais.

Outra questão importante é como a pornografia tem papel no engajamento sexual e pode influenciar o entendimento da sexualidade. Com a proliferação da tecnologia e o acesso fácil a imagens, textos e vídeos de conteúdo sexual a que a maioria das pessoas encontra-se exposta, deliberadamente ou não, a internet propiciou um tipo de acesso à pornografia que exerce efeitos tanto sobre o desenvolvimento sexual dos jovens como sobre os relacionamentos interpessoais de todos os que usam a rede. Aprender sobre sexo e exercer a sexualidade na internet pode ser nocivo frente à exposição massiva de todo tipo de imagem. No entanto, os relatos de muitos estudos mostram que a maioria das pessoas considera não

ter recebido suficientes educação e conhecimentos sobre sexualidade em casa e na escola, o que levaria à sua busca na rede^{28,29}.

A promoção de oportunidades e impactos positivos na sexualidade dos usuários da rede parece depender em larga escala da educação e do desenvolvimento de estratégias e ferramentas para manejo e minimização de riscos. O controle parental efetivo parece estar relacionado a fatores demográficos familiares, o estilo de comunicação da família, a experiência dos pais com a internet e o tipo de mídia utilizado pelos filhos, situação marital e número de horas trabalhadas/dia pelos pais. Pais que usam bastante a rede seriam mais aptos a ponderar os efeitos da internet sobre seus filhos³⁰. De fato, pais que adotam uma atitude mais positiva sobre o uso e os efeitos da internet na vida da família parecem mediar mais efetivamente o uso das mídias eletrônicas pelos filhos e se engajam mais em pesquisar, consultar e jogar com eles na rede³¹. Com isso, exercem maior controle sobre os conteúdos digitais consumidos pela família.

Desafios da interface entre o uso das tecnologias emergentes e a sexualidade

A facilidade de acesso à informação de qualquer tipo na era digital tem pautado a forma como crianças, jovens e adultos aprendem e se comunicam.

Apesar da motivação para estabelecer relacionamentos virtuais basear-se na acessibilidade e no anonimato e, justamente por isso, atingir todas as faixas etárias, existe um *gap* entre gerações no que tange ao entendimento e percepção das novas tecnologias e seu uso.

A tecnologia digital vem se difundindo rapidamente nas últimas décadas, período em que surgiram e se desenvolveram as primeiras gerações dessas novas tecnologias. Os chamados nativos digitais desde o início da vida estão cercados de computadores, *videogames*, câmeras de vídeo, celulares, brinquedos e ferramentas da era digital. Como resultado dessa tecnologia onipresente, pensam e processam as informações de forma diferente das gerações anteriores, que tiveram de se adaptar e adotaram muitos dos aspectos das novas tecnologias, porém mantém um certo “sotaque” e são chamados de imigrantes digitais³². Os mais velhos – os imigrantes – foram socializados de forma diferente de seus filhos e estão em processo de aprendizagem de uma nova linguagem. Sand³³, em um estudo sobre o *self* e as identidades interativas, relata o momento em que seu filho de 6 anos entra em seu escritório e, ao olhar para o computador aberto em uma página do Word em branco, pergunta o que é aquilo. A autora responde: uma folha de papel. O menino olha perplexo como se a mãe tivesse perdido o juízo. Nesse momento ela percebe que o objeto ali representado transformou-se através do tempo e que ela e o filho têm referenciais diferentes. White e Le Cornu³⁴ propõem um paradigma mais flexível para os termos nativo e imigrante digital: residentes e visitantes digitais. Esses termos são entendidos pelos autores como um *continuum*, e não como posições binárias, e levam mais em conta a cultura digital e a capacidade de inserção no meio

social digital como ferramentas de aquisição de conhecimentos. A diferença encontra-se no entendimento do meio virtual. Segundo os autores: “Residentes entendem a rede como um lugar, talvez como um parque ou um prédio no qual encontram-se com grupos de amigos e colegas com quem podem se relacionar e compartilhar informações sobre sua vida e trabalho.” Essa nomenclatura parece considerar mais o meio social digital e os relacionamentos interpessoais na rede. Um estudo conduzido por Aarsand³⁵ reforça a ideia de que a maior parte das informações sobre como operar um computador recebidas por pais vem de seus filhos.

As redes sociais *on-line* são as pedras fundamentais das interações sociais de muitos jovens e adultos, e essas ferramentas possibilitaram que se criassem vastas redes de “amigos” e eventuais “parceiros sexuais *on-line*”. Dados do Pew Research Center’s Internet & American Life Project³⁶ mostram as diferenças geracionais de uma forma dramática. Entre usuários do Facebook em 2013, a geração dos 18-33 anos, chamada de *Millennials* nos EUA, tem, em média, 250 “amigos” no Facebook. Para pessoas de 49-57 anos, o número cai para uma média de 98. A geração mais jovem aprova mais o uso do celular durante reuniões de negócios e refeições familiares do que seus pares mais velhos. Os estudos evidenciam que existe diferença na forma com que jovens e adultos utilizam a internet e as outras tecnologias.

Assim como a socialização, o desenvolvimento da sexualidade se deu de forma diferente para os nativos e os imigrantes ou residentes e visitantes. Nos relacionamentos entre adolescentes e adultos jovens, ideais e estereótipos sobre romance, amor e sexo, e expectativas nas relações “tradicionais” de gênero influenciam a ocorrência de pressões para o desenvolvimento de relações sexuais. Expectativas sobre a iniciação sexual de meninos e a prova de sua masculinidade, e a capacidade das meninas de proteger suas reputações sexuais levam a um jogo sem vencedores, a não ser que uma das partes ceda. No mundo digital, a expressão desse tradicional jogo pode ir além, incluindo coerção e acelerando processos na medida em que uma nova variável permeia os relacionamentos: a existência de uma plateia acompanhando toda a interação. As ameaças de exposição no caso de negativas ocorrem tanto para meninas e adultas jovens, que instantaneamente através de aplicativos e outras tecnologias são marcadas com etiquetas pejorativas, como para meninos e jovens homens também nomeados e expostos.

Com essa distância intergeracional, vê-se uma resistência dos pais em aceitar a importância das novas tecnologias, da conectividade e do compartilhamento no dia a dia dos filhos, sejam eles crianças ou jovens adultos. O risco encontra-se na negação da realidade vinda do desconforto dos imigrantes digitais em não saber movimentar-se e conseqüentemente desenvolver-se nesse novo meio. Isso leva à perda da oportunidade de os pais observarem os comportamentos *on-line* de seus filhos, identificar riscos e oferecer uma voz ética e continente. Se não acontece essa comunicação intergeracional, o senso de segurança é transferido aos sites que prometem anonimato e segurança da informação.

As intervenções possíveis em prol da saúde social e sexual na utilização das tecnologias emergentes, tanto para crianças quanto para adultos, passam pela prevenção primária, secundária e terciária³⁷. O mais

importante, porém, é que se aja considerando, e não desprezando o meio social eletrônico no qual estamos operando e nos desenvolvendo.

Quanto à atuação da escola na educação e orientação para uma boa prática virtual, o maior desafio vem da diferença entre os nativos e os instrutores das escolas, que são imigrantes digitais, falam a língua da era pré-digital e lutam para ensinar uma população que usa uma linguagem própria e inteiramente nova. Os nativos recebem informações muito rapidamente, gostam de se engajar em processos paralelos e multitarefa, preferem gráficos a textos e funcionam melhor quando “em rede”³². Os imigrantes não simpatizam com essas habilidades e isso cria um distanciamento e a perda da oportunidade de acessar em conjunto a rede e monitorar e orientar seu uso. Talvez seja o momento de enfrentar essa questão, reconsiderar a metodologia, incorporar práticas imigrantes a práticas nativas, para se poder exercer um necessário controle que sempre será função parental e escolar.

Considerações finais

As novas tecnologias têm e continuarão tendo papel importante no desenvolvimento dos comportamentos sociais e, por conseguinte, sexuais. Estamos nos adaptando a novas maneiras de autorrepresentação e mudando nossas formas de comunicação e interação. Como em todas as novas situações, a adaptação necessita de códigos e convenções. No momento em que os aceitamos e sentimo-nos mais confiantes nos novos meios, também aceitamos as mudanças sociais deles advindas. Uma das áreas mais atingidas compreende os limites entre comportamentos públicos e privados. Essa fronteira vem se tornando cada vez menos clara à medida que as novas tecnologias invadem todos os espaços, sem distinções.

A contemporaneidade parece fazer uso de tecnologias eletrônicas sofisticadas na expressão de um dos mais primitivos impulsos da humanidade: o sexo. Nesse ponto, perguntamo-nos: qual o papel do cibersexo entre a realidade e a fantasia virtuais? Para o internauta engajado nesse tipo de prática, há uma compreensão de que esse comportamento não é real por não haver contato físico, o que permite que muitos desses indivíduos possam ir mais além sexualmente do que já foram até esse momento.

Nesse contexto, as redes sociais são geradas no espaço virtual e não interpessoalmente, como até então costumava ser, levando à percepção de que as relações estariam subordinadas ao individual. No sentido contrário dessa percepção, surge o *selfie*, com sua capacidade redentora. Ele não se caracteriza pela imagem em si, mas por sua finalidade máxima: a da transmissão da imagem, para outras pessoas, por meios de comunicação social digitais. Apesar do impacto que a revolução digital tem gerado no funcionamento mental dos indivíduos, percebe-se sempre a necessidade humana atemporal de se conectar com o outro, social e sexualmente, virtual ou realmente.

O cenário é mais complexo do que as inovações tecnológicas em si. Ainda não é clara a fronteira entre o que é saudável e o que é danoso à socialização dos indivíduos. São necessários mais estudos a respeito do exercício da sexualidade em ambiente virtual, mas há uma tendência a correlacionar a patologia ao número de horas despendido com sexo *on-line*. Os estudos existentes cujo objetivo era rastrear indícios de doença no uso da internet para contatos sexuais encontraram um padrão aditivo e compulsivo para esse comportamento^{38,39,40}. Além dessas conclusões, pode-se pensar em patologia quando o predomínio de contato virtual não é transitório, não faz parte de uma fase, momento ou circunstância. Esse é um conhecimento que encontra-se em construção com novos e próprios códigos e regras. A necessidade de adaptação às nascentes formas de interação social e sexual é inevitável e necessária. No entanto, sem reflexão e extensa pesquisa corremos o risco de simplesmente substituir modelos desenvolvidos e experimentados ao longo dos anos por um novo modelo ainda em fase de testes. Frente ao rápido desenvolvimento de novos paradigmas, precisamos constantemente revisitar nosso patrimônio histórico, cultural e de pesquisa, enquanto avaliamos criteriosamente e com interesse os crescentes domínios virtuais.

Referências

1. Guignard F. Psychic development in a virtual world. In: Psychoanalysis in the Technoculture Era. 1 ed. Routledge publishers; 2014. p. 62-73.
2. Freud S. Three essays of the theory of sexuality. Oxford, England: Imago Publ. Co.; 1949. 133 pp.
3. Papalia D, Olds SW, Feldman R.D. Desenvolvimento humano. 8 ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 2007.
4. INTERNET. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Internet&oldid=38263632>>. Acessado: mar 2014.
5. WEB 2.0. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Web_2.0&oldid=37077876>. Acessado: mar 2014.
6. Fuchs C. Web 2.0, Prosumption, and Surveillance. *Surveillance & Society*. 2011;8(3):288-309.
7. Winner L. Sujeitos e cidadãos no mundo digital. In: da Silveira SA, ed. Cidadania e redes digitais. 1 ed. São Paulo: Maracá; 2010. p. 37-62.
8. Coleman S, Rowe C. Remixing citizenship: democracy and young people's use of the internet. London. A report for the Carnegie Young People's Initiative.
9. Livingstone S. Taking risky opportunities in youthful content creation: teenagers use of social networking sites for intimacy, privacy and self-expression. *New Media & Society*. 2008;10(3):459-77.
10. World Telecommunication/ICT Indicators database 2014. 18th Edition. Disponível em: <<http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/publications/wtid.aspx>>.
11. Vogt C, Knapman S. The anatomy of social networks. *Market Leader*. 2008;40:46-51.
12. Barnes S. A privacy paradox: Social networking in the United States. *Peer-reviewed Journal on the internet*. 2006;9(11). Disponível em: <<http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/1394>>.

13. Lemma A. *Under the skin: a psychoanalytic study of body modification*. 1 ed. New York (NY): Routledge publishers; 2010.
14. Ross MW. Typing, doing and being: sexuality and the internet. *The Journal of Sex Research*. 2005;4(42):342-52.
15. Bauman Z. Entrevista gravada. 25 jul. 2011, exibida 8 ago. 2011. *Fronteiras do Pensamento*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>>. Acessado: mar 2014.
16. Madden M, Zickuhr K. 65% of online adults use social networking sites. Pew Internet & American Life Project. Disponível em: <<http://pewinternet.org/Reports/2011/Social-Networking-Sites.aspx>>. Acessado: mar 2014.
17. Gillian Wearing. In: *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. 2014. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Gillian_Wearing&oldid=591460615>. Acessado: mar 2014.
18. Guardian Staff. Selfie is Oxford Dictionaries' Word of the year. *The Guardian*. Main Section. 2013 [last modified on 2014 Jan 9]. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/books/2013/nov/19/selfie-word-of-the-year-oed-olinguito-twerk>>. Acessado: mar 2014.
19. Sexting. In: *Wikipédia, a enciclopédia livre* [Em linha]. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014, rev. 27 abr 2013. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Sexting&oldid=35556645>>. Acessado: mar 2014.
20. Lei 12.737. 30 nov 2012. Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos, altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12737.htm>.
21. Lei 8,069, art. 241, 13 jul 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>.
22. Ross MW, Rosser BR, McCurdy S, Feldman J. The advantages and limitations of seeking sex online: a comparison of reasons given for online and offline liaisons by men Who have sex with men. *J Sex Res*. 2007 Feb;44(1):59-71.
23. Noonan, Raymond J. The psychology of sex: a mirror from the internet. In: Gackenbach J, editor. *Psychology and the internet: intrapersonal, interpersonal and transpersonal implications*. San Diego: Academic Press; 1998. p. 143-168.
24. Otaku. In: *Wikipédia, a enciclopédia livre* [Em linha]. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014, rev. 13 mar 2014. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Otaku&oldid=38388575>>. Acessado: mar 2014.
25. Dryer JA, Lijtmaer RM. Cyber-sex as twilight zone between virtual reality and virtual fantasy: creative play space or destructive addiction? *Psychoanal Rev*. 2007;94:39-61.
26. Cooper A, Coralie RS, Sylvain CB, Barry LG. Sexuality on the internet: from sexual exploration to pathological expression. *Prof Psychol Res Pr*. 1999;30(2):154-64.
27. Mitchell KJ, Finkelhor D, Jones LM, Wolak J. Prevalence and characteristics of youth sexting: a national study. *Pediatrics*. 2012;129(1):13-20.
28. Jones LM, Mitchell K, Finkelhor D. Trends in youth internet victimization: findings from three youth internet safety surveys 2000-2010. *J Adolesc Health*. 2012;50:179-86.
29. Beckett MK, Elliott MN, Martino S, Kanouse DE, Corona R, Klein DJ, Schuster MA. Timing of parent and child communication about sexuality relative to children's sexual behaviors. *Pediatrics*. 2010;125(1):34-42.

30. Lee S, Chae Y. Children's Internet use in a family context: influence on family relationships and parental mediation. *Cyberpsychol Behav.* 2007;10:640-44.
31. Van den Eijnden R, Spijkerman R, Vermulst A, Van Rooy T, Engels R. Compulsive internet use among adolescents: bidirectional parent-child relationships. *J Abnorm Child Psychol.* 2010;38:77-89.
32. Prensky M. Digital natives, digital immigrants. *On the horizon.* 2001;9(5):1-6.
33. Sand S. Future considerations: interactive identities and the interactive self. *Psychoanal Rev.* 2007;94:83-97.
34. White D, Le Cornu. Eventedness and disjuncture in virtual worlds. *Educational Research.* 2010;52(2):183-96.
35. Aarsand PA. Around the screen: computer activities in children's everyday lives. *Linköping studies in arts and science.* 2007. Volume 388.
36. Duggan M, Smith A. Pew Research Center. January 2014. Social Media Update 2013. 42% of online adults use multiple social networking sites, but Facebook remains the platform of choice. Disponível em: <http://pewinternet.org/Reports/2013/Social-Media_Update.aspx>.
37. Bluett-Boyd N, Fileborn B, Quadara A, Moore S. The role of emerging communication technologies in experiences of sexual violence: a new legal frontier? *Fam Matters.* 2013. (Research Report n. 23).
38. Parast SM, Iravani MR. Internet addiction pathology with emphasis on sexual behaviors. *Journal of Management Policies and Practices.* 2013;1(2):124-35. Disponível em: <www.aripd.org/jmpp>.
39. Ross MW, Månsson SA, Daneback K. Prevalence, severity, and correlates of problematic sexual internet use in swedish men and women. *J Arch of Sexual Behavior.* 2012;41(2):459-466.
40. Wetterneck CT, Burgess AJ, Short MB. The role of sexual compulsivity, impulsivity and experiential avoidance in Internet pornography use. *Psychol Rec.* 2012;62:3-18.

Correspondência:

Ana Sfoggia

Av. Diário de Notícias, 200/804, Cristal

90810-080 Porto Alegre, RS – Brasil

+55(51)21113659

asfoggia249@gmail.com

Submetido em: 29/03/2014

Devolvido para correções em: 13/07/2014

Retorno dos autores em: 01/08/2014

Aceito em: 07/08/2014